

**PROVA DE INGRESSO NOS CICLOS DE ESTUDOS CONDUCENTES AO GRAU DE MESTRE**  
**PORTUGUÊS**

---

**I**

**Leia atentamente o texto que se segue e responda às questões que lhe são colocadas.**

**TEXTO**

**«LÍNGUA PORTUGUESA: PORQUÊ 27 DE JUNHO?»**

**Ao celebrarmos oito séculos da língua, não celebramos os anos; festejamos, agradecemos e abraçamos a língua.**

Celebrar o aniversário da nossa língua é um enorme atrevimento. E fazê-lo numa data precisa envolve obviamente algum grau de arbitrariedade; e de escolha. É, na verdade, uma escolha: escolhemos 27 de Junho de 1214.

Não nos atralhamos, porém. Assumamos essa escolha dos 800 anos da língua portuguesa, que é a escolha de uma *troika*: nós, que subscrevemos o Manifesto 2014; Roberto Moreno, que inicialmente teve e apresentou esta ideia; e o rei D. Afonso II, que fez esse dia.

Quando festejamos um aniversário de alguém, não celebramos os anos – celebramos a pessoa. É a pessoa e não os anos que verdadeiramente festejamos. Assim é também aqui: ao celebrarmos oito séculos da língua, não celebramos os anos; festejamos, agradecemos e abraçamos a língua. É a língua portuguesa o objecto, o coração e o centro da nossa atenção.

Por outro lado, é evidente que uma língua não nasceu num dia só. Ninguém disse: “*Ó língua, nasce!*” A língua formou-se de um longo processo social e cultural – e, a certa altura, já era.

A data que escolhemos, 27 de Junho de 1214, é a data do Testamento de D. Afonso II, o terceiro Rei de Portugal, que é tido pelos especialistas como o mais antigo documento régio, conhecido, escrito em português – e, portanto, o mais antigo texto escrito já na nossa língua ao mais alto nível de um Estado, precisamente o Estado que lhe deu o nome (Portugal) e, mais tarde, o estatuto.

É certo que são conhecidos outros textos anteriores ou coevos, que poderiam disputar a primazia: uma *Notícia de Fiadores*, datada de 1175; recentemente descoberto, um *Auto de Partilhas* dos irmãos Sanches, de 1192; a *Notícia de Torto*, em data incerta (1211? 1214? 1216?), contemporânea do Testamento de D. Afonso II; e alguns registos de poesia medieval, em cantigas de amor, de amigo ou de maldizer, cuja datação nem sempre é certa e uniforme, mas se situam na última década do século XII e no início do século XIII.

Porém, o Testamento de D. Afonso II, em 27 de Junho de 1214, cuja datação foi reverificada e está confirmada com todo o rigor, pode bem ser considerado, numa imagem, como a “carta de alforria” da nossa língua. Não pela sua exacta datação. Mas em razão de quatro factores: primeiro, já é considerado escrito em português e não galaico-portucalense; segundo, não é um texto particular, mas documento oficial; terceiro, não é documento oficial qualquer, mas um documento ao mais alto nível do Estado, um documento do soberano; e, quarto, é a primeira vez

que tal acontece, arredando o latim, muito antes de, segundo aprendi, D. Dinis, em 1290, ter tornado oficial e obrigatório o curso e o uso do português.

Ou seja, este Testamento de D. Afonso II é o marco que simboliza o momento em que a nossa língua se liberta e autonomiza das suas raízes e ascende ao mais alto nível do soberano: não é apenas uma língua com curso popular incerto; mas é já uma língua distinta, adoptada e usada pelo soberano e apta, portanto, a vir a tornar-se língua oficial. Assim foi, na verdade, com o português: viria a ser assumida como língua oficial e, mais tarde, séculos volvidos, na esteira de uma longa e rica evolução, uma língua global, uma das mais importantes línguas globais contemporâneas: nada mais, nada menos do que a terceira língua europeia global, terceira língua também nas Américas, língua crescente em África, a terceira língua do Ocidente, uma língua em crescimento na Internet e em todos os continentes, a quarta mais falada do mundo, a língua mais usada no Hemisfério Sul.

Ao escolhermos a data de 27 de Junho de 1214, não estamos a excluir nada. Pelo contrário, estamos a incluir tudo, a convocar tudo, a gerar uma saborosa oportunidade para conhecer e divulgar tudo isso. E não só conhecer; estimar!

Todos sabemos que nós, quando nascemos, já éramos antes. Já existíamos e já éramos nós mesmos antes do dia do nascimento; e até nos enterneçamos e deliciamos com os pontapés por dentro da barriga da mãe de cada criança antes de nascer. Já é; e já mexe.

Comparando, digamos, pois, que esses outros textos da nossa língua, coevos ou anteriores – *Notícia de Fiadores, Auto de Partilhas, Notícia do Torto, Cantigas* de poesia trovadoresca –, são os “pontapés na barriga da mãe” da nossa língua em processo final de gestação, de afirmação e de ascensão.

Duas últimas notas quanto ao marcado simbolismo destas datas comemorativas.

Muitas vezes nós não as conhecemos sequer ao certo. Por exemplo, o 10 de Junho, assinalado por ser a data da morte de Camões, o nosso poeta maior, é num dia que ninguém sabe ao certo se foi o da sua morte – e, todavia, fizemos dele até feriado nacional e o Dia de Portugal. Mais: no Natal, a 25 de Dezembro, a única coisa que podemos ter por absolutamente certa é que Jesus Cristo não nasceu seguramente nesse dia – e, todavia, nele fixámos uma festividade universal. E também sabemos, quanto à natividade de Cristo, que não está correcto o ano que fixámos como primeiro ano, pois houve erro de datação – e, todavia, aí fundámos a referência universal da nossa era: a.C./d.C. Aqui, no Testamento de D. Afonso II não há erro, nem incerteza de datação. Foi mesmo nesse dia: 27 de Junho de 1214.

Podemos ainda, como Fernando Venâncio, numa interessante comunicação recente – *Originalidades da Língua Portuguesa* –, comentar a respeito destes 800 anos: “É engraçado como ‘relações públicas’, mas jamais um historiador da língua portuguesa afirmaria tal coisa.” Não vou disputar a afirmação como historiador, que não sou – ainda que pense que historiadores haverá que o poderão fazer. Mas isso não é sequer muito importante, já que, na História, o fundamental é que se a conheça em toda a sua realidade, independentemente do marco que elegemos – ou até nenhum. Portugal, também poderíamos discutir – e discutimos – se nasceu em 1128 (S. Mamede), ou 1143 (Zamora), ou 1171 [sic]<sup>1</sup> (*Manifestis Probatum*) ou ali por 1140 (a batalha de Ourique, que ninguém sabe com absoluta certeza quando foi, onde foi e se foi; ou a altura em que D. Afonso Henriques começou a usar o título de Rei). E, seja como for, o facto é que Portugal nasceu e a necessidade é conhecermos – e estimarmos – todos esses tempos e momentos. Mas Fernando Venâncio aponta na direcção certa ao dizer que os 800 anos são engraçados como “relações públicas”. É isso mesmo: relações públicas, comunicação, comunicação global. A língua

---

<sup>1</sup> O autor do texto indica 1171 como data da bula *Manifestis Probatum*. No entanto, a data real é 1179. (Nota dos responsáveis pela elaboração da prova.)

portuguesa, uma das mais importantes línguas globais contemporâneas e com mais elevado potencial presente e futuro, bem merece todas as acções de relações públicas, de afirmação e de valorização que possamos empreender.

Esse é o único propósito desta celebração: em torno de uma curiosidade, singular e ímpar – uma língua que faz anos, muitos anos –, comemorarmos, festejarmos e projectarmos mais a nossa língua portuguesa, estimarmos mais o português, ganharmos mais forte consciência do fabuloso recurso global que é.»

José Ribeiro e Castro, *Público*, 19/06/2014 (<http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/lingua-portuguesa-porque-27-de-junho-1659661?page=1#follow>)

**1. Como pode verificar, o texto encontra-se escrito de acordo com o Acordo Ortográfico anterior ao de 1990. Reescreva, de acordo com o Acordo Ortográfico de 1990, as palavras do texto cuja ortografia sofre alterações.**

**2. Explícite as alterações que efetuou na resposta à pergunta 1.**

**3. Explique o sentido do lexema *troika* na frase** «Assumamos essa escolha dos 800 anos da língua portuguesa, que é a escolha de uma *troika*: nós, que subscrevemos o Manifesto 2014; Roberto Moreno, que inicialmente teve e apresentou esta ideia; e o rei D. Afonso II, que fez esse dia.». **Justifique.**

**4. Explique o sentido da expressão “*carta de alforria*” da nossa língua na frase** « [...] o Testamento de D. Afonso II, em 27 de Junho de 2014, cuja datação foi reverificada e está confirmada com todo o rigor, pode bem ser considerado, numa imagem, como a “*carta de alforria*” da nossa língua.». ».

## II

**Redija um texto em que explique as motivações que levaram à escolha de 27 de junho como data da celebração do aniversário da língua portuguesa. Não se esqueça de “desmontar” possíveis argumentos contra a escolha da data referida.**

**O seu texto deverá ter entre duzentas a trezentas palavras.**

**Observações:**

1. Para efeitos de contagem, considera-se uma palavra qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo que esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituem (ex.: /2013/).

2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

**COTAÇÕES**

**I**

- 1. .... 3 valores
- 2. .... 3 valores
- 3. .... 3 valores
- 4. .... 3 valores

**Total da cotação do Grupo I ..... 12 valores**

**II**

**Cotação do Grupo II ..... 8 valores**

-----  
**Cotação total da Prova ..... 20 valores**